

Diz o mito que, no dia 8 de Março de 1914, Fernando Pessoa se abeirou de uma cómoda alta e escreveu, de um jacto, *O Guardador de Rebanhos*, assim fazendo nascer Alberto Caeiro e a aventura dos heterónimos. Escreveria também *Chuva Oblíqua*, «a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro», e terá tido ainda tempo para esboçar Ricardo Reis e criar, de Álvaro de Campos, a *Ode Triunfal*. Cem anos depois, celebramos o dia mais importante e controverso das letras portuguesas imaginando Pessoa-ele-mesmo cruzando as ruas de Lisboa. Muitas vezes ensimesmado – adivinhamo-lo assim – e outras tantas fazendo-se acompanhar de heterónimos nascidos a 8 de Março de 1914, como Alberto Caeiro. De algumas dessas viagens trata *Um Rádio Por Pessoa*, experiência de cerca de 30 minutos na qual José Neves investe em Pessoa, partindo de Caeiro e de *O Guardador de Rebanhos*, para nos devolver um poeta urbano, com saudades de um futuro bucólico e filosoficamente natural que nunca chegará a viver. Fernando, Alberto e José sintonizam-se através da palavra e do som, numa mistura de telefonia sem fios e de bandeiradas por Lisboa. Nunca isolados: sempre entre-si-e-com-quem-escuta, num só.

José Neves (Trancoso, 1965), iniciou a sua actividade no Grupo Aquilo – Teatro da Guarda. Integrou o TEUC, foi co-fundador da companhia A Escola da Noite e integra o elenco fixo do Teatro Nacional D. Maria II desde 1994. Nos últimos anos, a par do seu trabalho regular de actor de teatro e televisão, investiu num trabalho de dramaturgia sonora de textos não dramáticos, de que são exemplo *Sr. Henri*, peça produzida pela Projec-, estreada no Festival de Teatro da Guarda, em 2010 e editada em áudio-livro pela Boca; ou ainda *Cartas de Guerra*, de António Lobo Antunes, uma produção do São Luiz estreada em Setembro de 2011. Em Novembro de 2013, interpretou Fernando Pessoa no palco do São Luiz, numa encenação de André Gago de *Os Últimos Três Dias de Fernando Pessoa*, de Antonio Tabucchi.

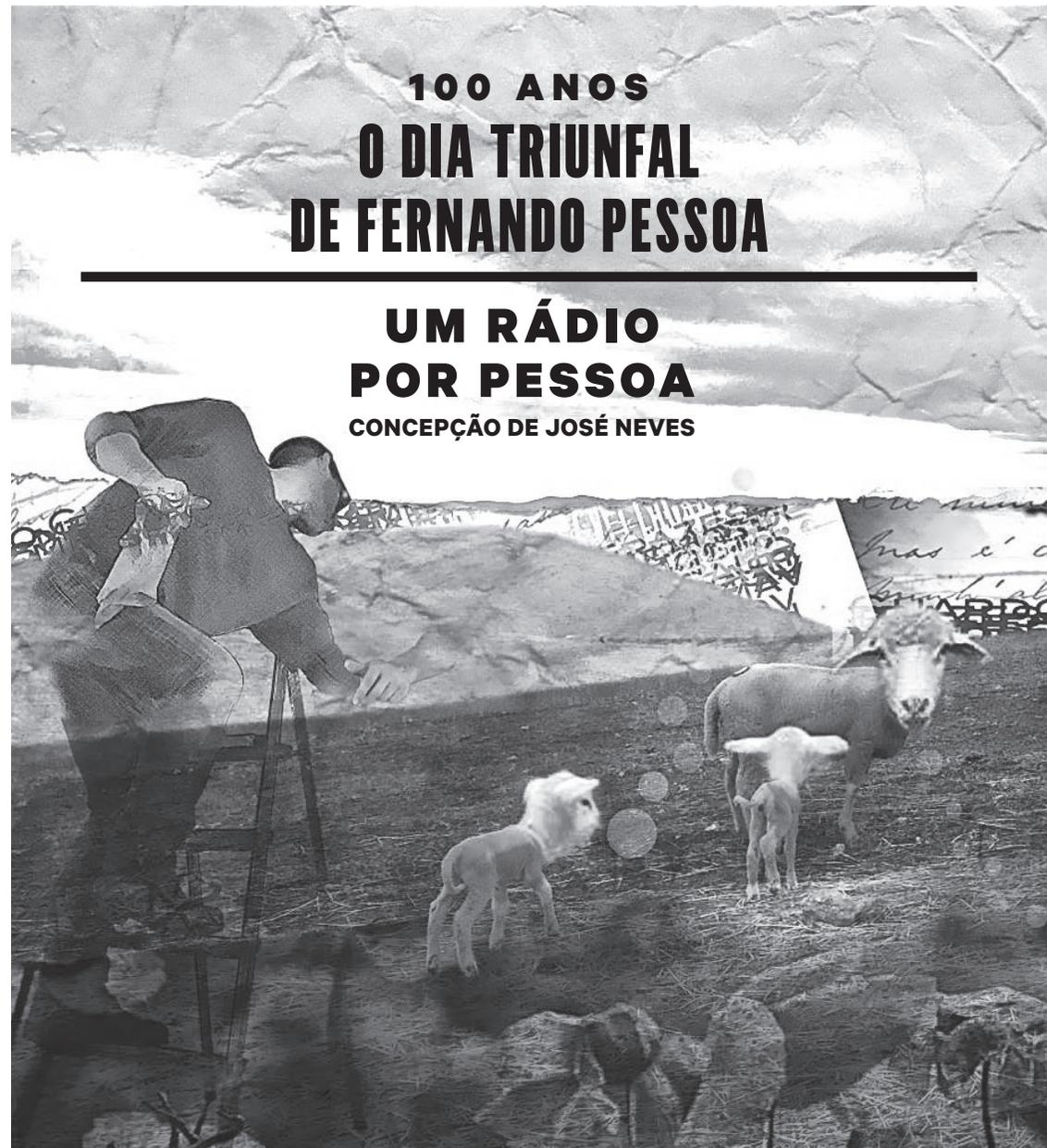
SÃO LUIZ TEATRO MUNICIPAL

8 MAR

100 ANOS O DIA TRIUNFAL DE FERNANDO PESSOA

UM RÁDIO POR PESSOA

CONCEPÇÃO DE JOSÉ NEVES



100 ANOS DIA TRIUNFAL DE FERNANDO PESSOA UM RÁDIO POR PESSOA

Concepção e Interpretação

José Neves

Mulher Rádio Táxi

Mirró Pereira

Homem na Cidade

Américo Rodrigues

Espaço Sonoro

Pedro Costa

Fotografia

Joana Oliveira Paiva

Apoio à produção

Mirró Pereira

Agradecimentos

Agostinho da Silva, António Pina Carvalho,
Cantinho do Vintage, Catarina Saraiva,
Cátia Pinheiro, Chefe Hélio Loureiro,
Diana Bento, Egídio Santos,
Fernando Gaspar, Gisela Duque Pereira,
Isabel Beleza, Joana Amaral,
Joana Oliveira Paiva, João Cachulo,
José Sebastião, Manel Coelho,
Margarida Sousa Dias, Marta Inocentes,
Miguel Graça, Miguelinho Loureiro,
Paulo Pimenta, Pedro Gil, Rosário,
Tânia Oliveira, teatro o Bando,
Teatro Nacional D. Maria II, Thomas Bakk,
Tonan Quito, Vítor Marques.

Carta a Adolfo Casais Monteiro, 13 Janeiro 1935

“Caixa Postal 147

Lisboa, 13 de Janeiro de 1935.

Meu prezado Camarada:

(...)

Ano e meio, ou dois anos depois,
lembrei-me um dia de fazer uma partida
ao Sá-Carneiro — de inventar um poeta
bucólico, de espécie complicada, e
apresentar-lho, já me não lembro como,
em qualquer espécie de realidade. Levei
uns dias a elaborar o poeta mas nada
consegui. Num dia em que finalmente
desistira — foi em 8 de Março de 1914
— acerquei-me de uma cómoda alta, e,
tomando um papel, comecei a escrever,
de pé, como escrevo sempre que posso.
E escrevi trinta e tantos poemas a fio,
numa espécie de êxtase cuja natureza
não conseguirei definir. Foi o dia triunfal
da minha vida, e nunca poderei ter outro
assim. Abri com um título, O Guardador
de Rebanhos. E o que se seguiu foi o
aparecimento de alguém em mim, a
quem dei desde logo o nome de Alberto
Caeiro. Desculpe-me o absurdo da
frase: aparecera em mim o meu mestre.
Foi essa a sensação imediata que
tive. E tanto assim que, escritos que
foram esses trinta e tantos poemas,
imediatamente peguei noutra papel e
escrevi, a fio, também, os seis poemas
que constituem a Chuva Oblíqua, de
Fernando Pessoa. Imediatamente e
totalmente... Foi o regresso de Fernando
Pessoa Alberto Caeiro a Fernando
Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção
de Fernando Pessoa contra a sua

inexistência como Alberto Caeiro.
Aparecido Alberto Caeiro, tratei
logo de lhe descobrir — instintiva e
subconscientemente — uns discípulos.
Arranquei do seu falso paganismo o
Ricardo Reis latente, descobri-lhe o
nome, e ajustei-o a si mesmo, porque
nessa altura já o via. E, de repente, e
em derivação oposta à de Ricardo Reis,
surgiu-me impetuosamente um novo
indivíduo. Num jacto, e à máquina de
escrever, sem interrupção nem emenda,
surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de
Campos — a Ode com esse nome
e o homem com o nome que tem.
Criei, então, uma coterie inexistente.
Fixei aquilo tudo em moldes de
realidade. Graduei as influências,
conheci as amizades, ouvi, dentro de
mim, as discussões e as divergências
de critérios, e em tudo isto me parece
que fui eu, criador de tudo, o menos que
ali houve. Parece que tudo se passou
independentemente de mim. E parece
que assim ainda se passa. Se algum dia
eu puder publicar a discussão estética
entre Ricardo Reis e Álvaro de Campos,
verá como eles são diferentes, e como
eu não sou nada na matéria.
(...)

Abraça-o o camarada que muito
o estima e admira.
Fernando Pessoa”
1935